

## MULHERES NA ESCOLA DE ENGENHARIA: PRECURSORAS NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1970<sup>88</sup>

*Maria de Lourdes dos Santos<sup>89</sup>*

*Judite Sanson de Bem<sup>90</sup>*

**RESUMO:** Neste artigo intenciona-se analisar a presença de mulheres nas áreas de engenharias a partir de um estudo de caso na Escola de Engenharia da UFRGS. Para isso, serão analisadas coleções de fotografias do início da década de 1970, em comparação, com a crescente inserção de mulheres nos espaços da Escola de Engenharia no período recente (2016), a partir de registros feitos pela autora.

**PALAVRAS CHAVES:** Mulheres; Precursoras; Escola de Engenharia; UFRGS.

### INTRODUÇÃO

Historicamente a Escola de Engenharia foi idealizada por cinco engenheiros militares, que eram professores do Colégio Militar da capital, e um engenheiro civil; fundaram em 10 de agosto de 1896 a Escola de Engenharia de Porto Alegre, que possuía como princípios ser uma instituição voltada à prática, à técnica e a interligação entre diferentes níveis de ensino. Em 1897 ocorreu a inauguração solene da Escola de Engenharia, nas salas do Ateneu Rio-Grandense - escola pública que cedeu seus espaços para a nova instituição. Os cursos oferecidos, segundo estatutos criados e reformulados entre 1897/1900, foram os de Estradas, Hidráulica, Arquitetura, Agrimensura e Agronomia.

O prédio específico para receber a escola foi entregue em 1900, elaborado sob a perspectiva do movimento cultural historicista, inspirado nos palacetes italianos do renascimento. Em 1903, surge o Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE). Em 1931 passa a unidade ser chamada oficialmente Universidade Técnica do Rio Grande do Sul. No entanto, com a criação da Universidade de Porto Alegre, em 1934, a partir da junção das diferentes unidades de ensino superior da capital, a denominação passa a ser Escola de Engenharia, nome utilizado até hoje.

Neste artigo intenciona-se mostrar como transcorreu a presença de mulheres no início da década de 1970, época que marca o início da entrada destas no mercado de trabalho, porém em profissões mais “softs” devido considerarem as engenharias como uma profissão típica para o sexo masculino. Pretende-se mostrar, também, a ampliação do espaço que a mulher engenheira obteve no início do século XXI.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a análise de fotografias tiradas pela autora, identificando as mudanças, os textos emitidos em aula, documentos e a internet.

### UM POUCO DA HISTÓRIA DA ESCOLA DE ENGENHARIA

Este ensaio contará com a observação e análise de fotografias, visando extrair os significados dos elementos das imagens. Para tanto, na visão de Monteiro (2007) fotografia é uma imagem técnica de

---

88 Artigo sobre um ensaio fotográfico da disciplina: Seminário Paisagens e Identidades Urbanas do PPG em Memória Social e Bens Culturais, Universidade La Salle. UNILASALLE, Canoas, RS.

89 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória social e Bens Culturais. Universidade La Salle – UNILASALLE, Canoas, RS.

90 Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória social e Bens Culturais. Universidade La Salle – UNILASALLE, Canoas, RS.

estrutura híbrida, gerada por técnicas físico-químicas pela ação humana e pelo uso de aparelho óptico, que agrega princípios técnicos, políticos, sociais, culturais e ainda estéticos do fotógrafo e da sociedade na qual ele pertence. Assim, a imagem gerada nas fotografias e nos ambientes que as cercam, conta com interpretações que dependem do contexto da época em que foram produzidas.

A figura 1 mostra o Prédio da Escola de Engenharia ocupando o tempo e o espaço. Segundo Kossoy (1992) a imagem fotográfica é antes de tudo uma representação a partir do real segundo o olhar e a ideologia de seu autor.

**Figura 1.** Vista do Prédio da Escola de Engenharia, 1905

Fonte: Escola de Engenharia, Biblioteca e Observatório Astronômico [1938].



A figura 2 mostra o Prédio da Escola de Engenharia depois de sua restauração, demonstrando a interação entre o sujeito e o território, tendo em vista que a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes unidos em uma relação complexa: um local, um olhar e uma imagem.

**Figura 2.** Prédio Centenário da Escola de Engenharia, 2018

Fonte: Escola de Engenharia, Biblioteca e Observatório Astronômico [1938].



O estilo do prédio original foi mantido, o que pode ser percebido na fachada. Localizado em

frente à Praça Argentina, antiga Praça Independência, onde originalmente existia uma íngreme ladeira, corrigida em 1857 com aterro e construção de um muro de contenção. O terreno onde foi implantado o prédio caracterizava-se, no início do século XX, como o começo da zona plana e alagadiça, chamada Campo da Redenção. Na década 1920, a praça passou por importantes modificações: arborização, ajardinamento e construção de muralhas e escadarias. O entorno sofreu várias modificações nas últimas décadas, como por exemplo, as reformulações das avenidas João Pessoa e Osvaldo Aranha que ali se iniciam. A construção de edifícios altos, as demolições e a introdução de duas elevadas mostram no início do século XXI outro contexto, que, no entanto, não tirou a beleza do histórico prédio Centenário, já com os seus 120 anos de existência.

Pelo artigo 70 do Estatuto da Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1912 vetava-se, expressamente, a matrícula de mulheres em qualquer Instituto da Escola. A Primeira Guerra Mundial começaria a alterar este panorama. Em 1918 já havia uma datilógrafa auxiliar, um cargo que viria a substituir o de segundo auxiliar do secretário. Mas havia planos que antecipariam o próprio movimento feminino e que, ainda que de forma coerente com a concepção da época, inseririam as mulheres nos relatos da Escola: uma seção do Parobé só para elas. Em 1919, foi criado um curso feminino neste Instituto destinado ao ensino de artes e ofícios domésticos. (HASSEN; FERREIRA, 1996). No ano da Semana de Arte Moderna, em 1922, quando Anita Malfatti e Tarsila do Amaral rompiam com a lógica da dominação masculina no cenário artístico, timidamente, a Escola de Engenharia daria um passo que mais revoltaria do que contentaria as feministas: o curso de educação doméstica e rural para as meninas recebia aí suas primeiras alunas no seu prédio novo (onde hoje está a Faculdade de Arquitetura da UFRGS). No contexto das classes populares de um estado de economia rural, de uma cultura machista, foi um grande passo.

O Presidente da Escola, João Ferlini, consulta o Conselho da Administração sobre o tratamento que se deveria antepor ao nome da aluna moça, a primeira mulher a concluir o curso de Químicos Industriais. Na ata do Conselho Administrativo consta que houve uma ligeira discussão sobre o referido assunto, e a solução foi indagar a Escola Normal sobre procedimentos que adotava com suas moças. Tratava-se da primeira mulher a concluir um curso superior na Escola: Juraci Simões Lund, formada em química industrial em 1933.

Com o passar dos anos a mulher vai se inserindo na vida acadêmica e doze anos depois (1945) a primeira mulher a se formar Engenheira Civil Lili Boeckel dá, então, espaço para outras mulheres seja inserida no meio acadêmico (Figura 3).

**Figura 3.** Lili Boeckel, a primeira Engenheira Civil formada pela Escola de Engenharia



Fonte: Escola de Engenharia, Biblioteca e Observatório Astronômico [1938].

A figura 4 refere-se ao quadro de Engenheiros Civis de 1972, que se encontra localizado no Prédio Centenário, na Sala do Memorial da Escola de Engenharia, mostrando a todos que já haviam mulheres inseridas no meio acadêmico.

**Figura 4.** Quadro de Engenheiros do curso de Engenharia Civil, 1972



Fonte: Escola de Engenharia, Biblioteca e Observatório Astronômico [1938].

Segundo Kossoy (1999) a fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto (objeto do registro) no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado.

De acordo com Achutti (1997), a fotografia pode nos passar vários desenhos diferentes que podem ser falados visualmente. Com uma máquina fotográfica na mão ou simplesmente um celular é possível retratar a história e tudo que é visto. Cada foto traz uma visão, sentido e imagem. Assim, é possível fazer uma comparação, do espaço físico de antes e agora, com todas as modernidades e tecnologias.

Deve-se, no entanto, ressaltar que a fotografia não é a cópia da realidade, mas a realidade de segundo nível, uma recriação na realidade que leva a um terceiro nível, aquele criado na mente de quem observa a fotografia Kossoy (1999).

A seguir na figura 5 mostra o quadro de engenheiros civis, do segundo semestre de 2016, com setenta e dois formandos sendo que cinquenta e cinco são homens e dezessete são mulheres representando um aumento de vinte e quatro por cento de mulheres formadas. Cabe ressaltar que a figura cinco foi tirada pela autora.

**Figura 5.** Quadro de Engenheiros do curso de Engenharia Civil, 2016



Fonte: Escola de Engenharia, Biblioteca e Observatório Astronômico [1938].

As figuras 4 e 5 relacionam a presença de mulheres nos cursos de engenharias, tendo em vista que a ciência exata, mais especificamente as engenharias, sempre foi vista como uma atividade realizada por homens e foi somente após a segunda metade no século XX que ocorreram mudanças. Enfim, a imagem fotográfica é uma representação resultante do processo de criação/construção do fotógrafo.

## CONCLUSÃO

Com este trabalho, percebeu-se que com o decorrer do tempo houve um aumento na participação feminina no cenário acadêmico e profissional, incluindo o objeto em estudo: a Escola de Engenharia. Hoje o perfil das mulheres é diferente daquele do início do século XX. Apesar da evolução da participação da mulher em uma profissão tida como exclusivamente masculina, elas estão cada vez mais presente adquirindo conhecimentos e saberes no universo acadêmico e profissional, os salários não acompanharam este crescimento. E ainda hoje, esta realidade não mudou, pois persiste no mercado de trabalho uma discriminação em relação à participação feminina.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. E. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Livraria Palmarinca. 1997.

HASSEN, Maria de Nazaret Agra; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Escola de Engenharia - UFRGS: Um Século**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996, p. 96.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MONTEIRO, C. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n° 53, p. 159-176. 2007.

ESCOLA de Engenharia, Biblioteca, Observatório Astronômico. Porto Alegre, 1938. 1 fotografia, p&b. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/9380>>. Acesso em: 02. out. 2018.

PRÉDIO Centenário da Escola de Engenharia. Porto Alegre, 2009. 1 Fotografia, color. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/55710>>. Acesso em: 08. out. 2018.

SANTOS, Maria de Lourdes. **Quadro de Engenheiros do curso de Engenharia Civil, 1972**. Porto Alegre, 2018. 1 fotografia, color.

SANTOS, Maria de Lourdes. **Quadro de Engenheiros do curso de Engenharia Civil, 2016**. Porto Alegre, 2018. 1 fotografia, color.